

humanitas

Vol. XLVI

IMPrensa DA UNIVERSIDADE DE COIMBRA
COIMBRA UNIVERSITY PRESS



HUMANITAS

Vol. XLVI • MCMXCIV

2.ª PARTE DA MISCELÂNEA EM HONRA

DOS DOUTORES WALTER DE MEDEIROS E MANUEL PULQUÉRIO



ANA LÚCIA AMARAL
Universidade do Minho

DUAS RAINHAS EM HERÓDOTO: TÓMIRIS E ARTEMÍSIA

Habitados a encontrar apenas figuras masculinas entre os grandes vultos militares da Antiguidade Médio-Oriental, apresentamos uma reflexão sobre duas personagens femininas com notável desempenho em campanha: Tómiris e Artemísia.

No grande contexto das *Histórias*, o horizonte feminino é marcado pela presença de quatro figuras cimeiras. A Mulher de Candaules (I. 8-12) causa a mudança de dinastia no reino lídio, pois projecta na história a ofensa de que foi vítima. Candaules elogia sobremaneira a beleza da mulher e cai na cegueira trágica: não se apercebeu de que o seu poder oscilava tanto mais quanto maior era a sua idolatria pela formosura da mulher. Tómiris (I. 201-214), que é precedida por Semíramis e Nitócris que ocupam uma dimensão estratégico-política em relação ao conquistador Ciro, pois prepararam a vitória da rainha masságeta e contribuíram para o seu fim, põe termo ao reinado de Ciro, o grande unificador dos povos medo e persa, depois de uma ascensão assaz gloriosa. Atossa (III. 68, 88, 133-134; VII. 2, 3, 64, 82), no início do percurso político do reinado de Dario, vai fazer surgir uma etapa fundamental nas conquistas persas — a primeira verdadeira tentativa de introdução do poder bárbaro no território helénico. Artemísia (VII. 99; VIII. 68-69, 87-88, 93, 101-104, 107), com a sua actuação, está presente no momento fatal do conflito que opõe Bárbaros e Gregos, marco que assinala o fim da política expansionista levada a cabo por Xerxes.

A criação do mundo narrativo herodotiano leva-nos à visão de momentos privados, político-estratégicos, religiosos, étnicos, sociais, que nos postulam uma veracidade duvidosa. Temos consciência de que as *Histórias* podem corresponder ou não à realidade histórica,

porque há factos indiscutíveis mas outros discutíveis. Admitindo que são estes os acontecimentos, há sempre uma margem de incerteza, porquanto Heródoto mostra preferência por uns em detrimento de outros, embora esteja longe o tempo da dúvida sistemática quanto à sua credibilidade; há sempre um coeficiente pessoal inevitável na selecção do material e sua interpretação, mesmo no mais rigoroso e imparcial dos historiadores¹.

As soberanas bárbaras que presentemente nos propomos investigar comportam uma auréola de forte influência ocidental. Longe de encontrarmos figuras femininas rodeadas de adornos orientais, sinónimos de futilidade e de passividade vital, estas nossas personagens apresentam-se com uma roupagem de actividade guerreira, inerente ao conflito Medo-Persa. Este ambiente, recriado por Heródoto, proporciona os constituintes pertinentes a uma situação bélica e histórica ao mesmo tempo. À concepção historicista de Heródoto corresponde um heroísmo que justifica a sublimação a que foram sujeitas figuras como Tómiris e Artemísia. A sua personalidade é conduzida numa perspectiva histórico-heróica em que a ideia de existência denuncia uma fugacidade vital, mas que o anseio de glória convida à lembrança dos feitos (cf. I. 1).

As situações históricas herodotianas são precedidas por momentos em que o elemento feminino e masculino se caracteriza contrastivamente, mas em que o masculino face ao feminino denota uma certa debilidade que o levará ao fracasso. Esta construção narrativa assenta na adaptação de determinadas ocasiões às necessidades dramáticas do autor². Deste modo podemos defender a aplicação de ciclos do destino — apresentados por Immerwahr³ — aos episódios relacionados com personagens reais femininas, pois elas permitem a oscilação vital das figuras reais masculinas com quem se confrontam, confirmando a existência, tal como para o plano geral das *Histórias*, de ciclos de prosperidade e de destruição, que proporcionam o equilíbrio necessário à perfeita coesão e coerência da estrutura narrativa herodotiana.

¹ Dodds (1973: 107) a propósito do problema, sublinhando o inevitável enviesamento na selecção e na hermenêutica de textos refere-se, a respeito de Platão, a um *partisan Plato*: «Arm yourself with a stout pair of blinkers and a sufficient but not excessive amount of scholarship, and by making a suitable selection of texts you can prove Plato to be almost anything that you want him to be». Dodds utiliza a expressão, cheia de graça, *partisan Plato*, neste caso, falaríamos de um *partisan Herodotus*...

² O espaço narrativo concedido por Heródoto a estas figuras femininas é pouco extenso.

³ Immerwahr (1956: 247-251).

Desta forma, os episódios marcados pela figuração régia feminina ocupam, no grande contexto das *Histórias*, momentos essenciais do devir histórico.

Através da sua acção num espaço exterior — no campo de batalha — Tómiris e Artemísia, rainhas viúvas, ocupam um lugar nodal na definição do rumo dos acontecimentos. Os seus desempenhos levam-nos a classificá-las essencialmente como conselheiras *in extremis* pois os seus avisos, revestidos de clarividência trágica, profetizam um futuro desastroso a Ciro e a Xerxes.

A legitimidade de governação de ambas é garantida por via não hereditária. Tanto Tómiris quanto Artemísia tomam a direcção dos assuntos governativos após a morte dos respectivos cônjuges. Mesmo a expressão lexical deste facto é idêntica: *τοῦ ἀνδρός ἀποθανόντος*; I. 205; *ἀποθανόντος τοῦ ἀνδρός*, VII. 99. O facto de terem assumido o poder de modo semelhante esconde uma subtil diferença nas formas de tratamento das duas acções governativas. Assim, Tómiris é denominada *βασίλεια* (I. 205), enquanto que Artemísia é caracterizada como detentora da Tirania: *ἔχουσα τὴν τυραννίδα* (VII. 99)⁴. A justificação da disparidade nas formas de tratamento deve-se, na nossa opinião, a desempenhos diferentes da mesma, ressaltando-se, todavia, a influência do género feminino na acção. A maternidade (cf. I. 205; VII. 99) de ambas colora a sua postura governativa.

TÓMIRIS

Depois de uma vigorosa ascendência marcada pelo estigma divino, Ciro vê anunciado na sua origem um percurso pleno de conquistas que lhe granjeará uma fama imorredoura. Logo depois de submeter Sardes e de fazer Cresos seu prisioneiro, Ciro continua a centrar a sua atenção sobre a Ásia Menor, mas desta vez sobre os Iónios e os Eólios (I. 141) de que Mazares e Hárpagos se encarregam. A campanha de Babilónia e Masságeta fazem seguir as suas acções bélicas e expedições guerreiras. Do ponto de vista temático estas duas campanhas vão dar corpo ao desfecho trágico do herói Ciro, pois é só a partir daqui que a *ἔβρις*⁵, denunciadora de uma vanglória humana, incompatível

⁴ Sobre o universo semântico dos termos caracterizadores das acções governativas *βασίληη*, *μοναρχίη* e *τυραννίς*, a frequência do uso destes termos e as suas diversas conotações *vide* Ferrill (1978).

⁵ Immerwahr (1986: 310).

com um mundo onde os deuses invejosos castigam sobranceiramente a fortuna dos homens, se fará sentir. Na campanha contra a Babilónia ⁶, cujo interesse atraíra a cobiça do soberano por ser a mais famosa e forte (*δνομαστότατον καὶ ἰσχυρότατον*, I. 178) de entre muitas cidades importantes da Assíria, Ciro pune o rio Gindes pela morte de um dos seus cavalos sagrados (I. 189) e conquista a cidade desviando o curso do rio Eufrates ⁷. Na campanha masságeta o facto de Ciro atravessar o Araxes ⁸ (embora aconselhado por Cresos) leva-o ao encontro do destino inexorável. São estes actos, revestidos de uma intensidade dramática crescente, que estimularão os seus projectos expansionistas mas que, ao mesmo tempo, irão ser os responsáveis pelo seu aniquilamento. A presença de Cresos junto de si e os seus consequentes ensinamentos não lhe iluminaram totalmente a condução dos seus feitos, pois que a partir de determinado momento Ciro olvida que a felicidade de outrora se pode transformar em desventura, e que nada do que é humano é estável (I. 86).

Preparado para conquistar a grande capital, Ciro concentra todos os meios humanos de que dispõe para que esta empresa seja coroada de êxito. No limiar da realeza de Babilónia figuram duas personagens femininas, dispostas singularmente no percurso narrativo: Semíramis e Nitócris ⁹ (I. 184-187). Heródoto destaca-as como ponto fundamental e marcante no planeamento da acção militar de Ciro nesta campanha. Embora o soberano persa não tenha travado um combate directo com nenhuma, mas apenas com o filho de Nitócris, Labinete (I. 188-191), a verdade é que parece que elas pressentiram e perceberam a aproximação de um inimigo tão poderoso como o perigo medo-persa ¹⁰. Por este facto, 'armaram' estrategicamente a cidade para um conquistador eminente, e combateram-no de forma indirecta através de obras gigantescas que contribuíram para a defesa e engrandecimento da

⁶ Babilónia era a sede do poder real após a destruição de Nínive (I. 178).

⁷ O motivo do rio nestes episódios contrasta com a referência à pureza da água do rio Coaspes, a única que Ciro bebia (I. 188).

⁸ Mais uma vez o motivo do rio. Segundo Immerwahr (1986: 293), este motivo é bastante significativo em Heródoto pois prova a *ἄβρις* do agressor. Para os Gregos o rio era considerado uma divindade. Na tradição grega, e.g. *Trabalhos e Dias*, vv. 737-741, Hesíodo diz que antes de atravessar o rio é preciso que aquele que o faz se purifique.

⁹ O facto de Heródoto se limitar a salientar os nomes de Semíramis e Nitócris, omitindo quaisquer outros reis, parece-nos ser um indício do relevo que pretendeu atribuir a estas duas figuras.

¹⁰ Cf. Asheri (1989: 374); Tourraix (1976: 376).

cidade. Foram estas construções que as fizeram notabilizar-se e sobressair entre a realeza babilónia, facto acentuado pela sua feminidade: o âmago das suas vidas tornou-as nas únicas capazes de preparar um palco de actuação futura ao nível de uma figura tão importante como o conquistador da Lídia.

Semíramis havia vivido cinco ¹¹ gerações antes de Nitócris; o seu aparecimento (cf. nota 11) no quadro da realeza babilónia pode ter suscitado algumas dúvidas a Heródoto quanto à denominação real a atribuir-lhe, incerteza que está patente no emprego do termo *ἄρξασα* que encerra, em geral, uma autoridade inferior à autoridade real propriamente dita, expressa por norma pelo termo *βασίλεια*. Semíramis distingue-se pela construção de diques nas planícies do rio e esta drenagem permitiu o controlo das cheias. Foi ela a precursora da construção de obstáculos destinados a deter o avanço dos inimigos. É já em pleno reinado de Dario (III. 155) que Babilónia é referida e as portas da cidade aparecem designadas sob o nome de Semíramis, facto que confirma o alto apreço em que os Babilónios tiveram o seu carácter e valor. Se a sua actuação não tivesse ultrapassado a vulgaridade certamente o povo tê-la-ia esquecido e o seu nome não teria ficado perpetuado nos anais da história.

Nitócris ¹² foi uma rainha que mereceu um tratamento que a distingue da anterior: *αὐτῆ δὲ συνετωτέρῃ γενομένη τῆς πρότερον ἀρξάσης* (I. 185). Esta qualidade foi-lhe atribuída provavelmente devido à utilidade prática e precisa das obras realizadas, pois a sua governação antecedeu a presença do invasor no território, sendo elas o resultado

¹¹ Segundo Asheri (1989: 374), esta cifra poderá ser um número «típico» e não histórico.

¹² Esta rainha babilónia tem uma homónima egípcia [II. 100, cf. Asheri (1989: CXII-CXIII)]. No horizonte histórico de Heródoto esta última é anterior à de Babilónia e foi ela que deixou o nome de Nitócris profundamente marcado pelo desejo de vingança. A rainha egípcia Nitócris, a única mulher digna de menção entre os vários reis da época referida por Heródoto, vingou os responsáveis pela morte do irmão, vítima dos seus próprios súbditos. Ela concebe arditamente um estratagema (*νόσφ δὲ ἄλλα μηχανᾶσθαι*) para a vingança: manda construir um recinto subterrâneo e, a pretexto de o inaugurar, convida os egípcios que ela sabia terem participado na morte do irmão. Durante o banquete Nitócris inunda o recinto com as águas do rio, canalizado secretamente por si até lá [segundo Flory (1987: 169, n. 26), o motivo do banquete fatal reflecte bem que Heródoto considera perigosos o prazer e a luxúria]. Para terminar este episódio conta Heródoto, baseado em informação sacerdotal, que após tudo isto Nitócris, receando um castigo vingador, suicida-se. Assim a sua astúcia vingativa serviu, em certa medida, de modelo à argúcia da soberana de Babilónia.

da percepção de um inimigo iminente poderoso. Tomou então muitas precauções que revelaram a eficácia da sua estratégia. Procedendo à execução de obras no curso do Eufrates, para defender a cidade pela água (I. 186), tentou impedir o contacto dos Medos com os seus súbditos, impossibilitando-os, desta forma, de tomar conhecimento do que se passava no reino (I. 185). Prosseguindo com as suas obras, manda construir uma ponte no meio da cidade dotando esta de algo benéfico para todos, já que facilitava a comunicação entre os dois lados da urbe. E, ainda a propósito desta rainha, refere Heródoto que concebeu um logro destinado aos futuros homens reais que viessem a dominar a cidade, atitude reveladora do conhecimento que possuía acerca do espírito ambicioso e insaciável dos homens poderosos. Por cima de uma das portas da cidade mandou colocar o seu túmulo com uma inscrição dizendo que, se algum dos reis que viesse a governar depois de si carecesse de dinheiro abrisse o túmulo, mas apenas se tal fosse absolutamente indispensável. Mais tarde o rei Dario profana o túmulo na expectativa de encontrar a riqueza sugerida pela inscrição, mas nada descobre, a não ser uma mensagem que verbera a ganância cega que conduz os homens e que os leva até a esquecer o respeito que se deve aos mortos (I. 187), como era o seu próprio caso. Porém a cidade de Babilónia é conquistada durante o reinado de Labineto. Ciro conseguiu apoderar-se dela utilizando para o efeito o mesmo ardil de que já anteriormente a rainha se havia servido: o desvio do curso do rio, por meio de um canal, para um lago, tornando-o vadeável, ou seja, fazendo com que os seus homens pudessem marchar através do leito do rio. Assim o estratagema utilizado por Nitócris para tentar salvar a cidade serviu também para a destruir. Seu filho, chamado Labineto como seu pai, não foi, em vida, o herdeiro esperado da astúcia materna, pois não soube defender e aproveitar os bens legados à cidade por sua mãe. Nitócris não consegue ver concretizadas as propostas de combate ao inimigo Ciro, apresentadas pelo filho, mas ela ver-se-á vingada mais tarde na pessoa da rainha masságeta Tómiris, mulher verdadeiramente engenhosa. São estas duas figuras que vão encaminhar Ciro até Tómiris (I. 205-208, 211-214). Aquele não se apercebe do percurso feminino que o antecedeu.

Após ter subjugado os Babilónios, o rei dos Persas deseja submeter os Masságetas¹³ (I. 201), povo numeroso e valente. Heródoto

¹³ Segundo Immerwahr (1986: 244-245) esta batalha é presumivelmente lendária.

enumera as razões que o levavam a tal intento: em primeiro lugar, a sua origem, que o convencia do seu eminente carácter humano; depois, os resultados favoráveis das campanhas empreendidas até então, uma vez que nenhum povo tinha conseguido resistir à força do seu poder (I. 204). Heródoto sobreleva o valor do agressor de Tómiris ¹⁴. É num triângulo de figuras que este episódio se desenha: Ciro, Tómiris e Creso. Tendo concebido uma ocasião para o fim de Ciro, Heródoto sentiu necessidade de encontrar um oponente que não desmerecesse do valor e da grandeza daquele que anexara a Lídia e se tornara imperador dos Medos e Persas, norteadado pela ambição do poder e pela ânsia de construir um vasto império. A escolha vai recair sobre Tómiris, rainha dos Masságetas após a morte de seu marido. O rei persa resolveu conquistá-la através de um dolo: uma proposta de casamento. Tómiris não quis receber a embaixada mensageira da intenção do soberano, pois percebeu (*συνεῖσα*, I. 205) o ardil de que se revestia o seu desejo. Ciro não a pretendia para esposa, mas como meio de se apoderar do seu reino: ela simbolizava o meio de obtenção do poder sobre os Masságetas. Verificando que a rainha tinha entendido o verdadeiro alcance da proposta, Ciro resolve então atacá-los, atravessando o Araxes ¹⁵. Manda fazer uma ponte de barcos para, deste modo, transpor o rio com o seu contingente militar. Mas Tómiris envia-lhe um arauto para lhe comunicar que deveria parar com todos aqueles preparativos para um combate contra o seu povo, pois a incerteza do sucesso era um facto. Sugere-lhe que se limite a governar sobre o seu território, conselho pertinente num espírito ponderado, que manifesta o apreço pela ausência de actividades bélicas e uma vontade de recurso às armas em última análise, tanto para se defender de uma invasão como para atacar; este momento representa uma clara oposição entre Tómiris e Ciro que consubstanciam, respectivamente, o desejo de paz e guerra. O conselho da soberana masságeta vem seguido de um projecto concreto de conquista: Ciro deve ou esperar que os Masságetas se afastem até uma distância correspondente a três dias de marcha a partir do Araxes, e depois atravessar para o território deles, ou então, se ele pretender receber os Masságetas no seu território, deve agir da mesma forma. Percebe-se por esta atitude que Tómiris tem consciência

¹⁴ Para o motivo do Próspero Agressor cf. Flory (1987: cap. 3, *passim*).

¹⁵ Segundo Flory (1987: 94), o rio Araxes representa o limite natural do território dos Masságetas que os protege ao mesmo tempo dos inimigos e das tentações perversas do exterior.

de uma força transcendente que afunda Ciro na vontade inabalável de a combater. Recebendo a missiva de Tómiris, Ciro convoca os Persas, a quem expõe o assunto, pedindo-lhes conselho quanto à decisão a tomar. Apenas Cresos defende um parecer contrário ao manifestado pelos outros, para quem Ciro devia deixar entrar no seu território Tómiris e o exército masságeta. Esta opinião denota uma clara falta de ponderação na escolha da hipótese que mais punha em risco a segurança do limite territorial persa. Cresos formula um conselho sensato (I. 207) que se coaduna com o contexto situacional, e que revela uma preocupação pelo futuro de Ciro. Assim, ele envolve o seu juízo com considerações de natureza reflexiva sobre a instabilidade humana. Cresos é ao mesmo tempo um conselheiro trágico e prático. Todos os seus argumentos tendem a levar Ciro à melhor decisão, que será aquela que se ajuste a um futuro sem infortúnio. Cresos vai traçando as linhas do seu raciocínio assente num saber feito de experiência: um homem que tinha sido de condição sublime e a quem o destino tornara irremediavelmente sujeito à mercê de outrem. É na qualidade de conselheiro próximo de Ciro e de todos os seus interesses que Cresos manifesta a opinião de que, se o rei tem consciência que a sua vida e a do seu exército está sujeita às limitações dos seres mortais, então deve recordar-se de que nem sempre o homem é contemplado com o sucesso; a vida é uma roda que não permite que os acontecimentos humanos sejam sempre venturosos¹⁶. Ciente da sua contribuição conselheira influenciada pelo sofrimento que padecera e que fora seu mestre (*Τὰ δέ μοι παθήματα ἔοντα ἀχάρτητα μαθήματα γέγονε*, I. 207), Cresos manifesta tragicamente os perigos a que o ser mortal está sujeito (parecendo adivinhar para Ciro um futuro próximo diferente do percurso realizado até ali)¹⁷ e considera numa primeira fase as desvantagens inerentes à opção tomada pelos outros conselheiros: no caso de Ciro perder a batalha, perderá também o seu próprio território, visto que, naturalmente, os Masságetas, povo vencedor, aproveitarão para permanecer na área que tiverem conquistado; se ele os vencer, é óbvio que o triunfo de Ciro será menor (pois está no seu próprio espaço territorial) do que se avançar sobre os Masságetas e os vencer, sendo evidente que ele prosseguirá para o império de

¹⁶ A fala de Cresos revela uma reflexão tipicamente grega, pois a inveja dos deuses atinge particularmente os mais poderosos, aqueles para quem é mais difícil o respeito da norma inscrita no templo de Apolo em Delfos: *μηδὲν ἄγαν*.

¹⁷ Segundo How-Wells (1967: I, 153); Lattimore (1939: 25).

Tómiris. Para além disso, Creso considera vergonhoso e desonroso para Ciro, cuja linhagem merece toda a deferência, deixar avançar sobre o seu território uma mulher cuja presença no espaço masculino persa parece ferir os despóticos princípios viris. Contudo, o próprio Creso, vai em seguida, propor o plano de combate assente no recurso a métodos louváveis. Numa segunda fase, o lídio Creso apresenta uma posição que aponta para o movimento contrário ao proposto anteriormente: Ciro deve avançar até onde eles recuarem e deve fazer seguir esta atitude de uma medida táctica que garanta o sucesso; é aqui que ele se mostra um conselheiro prático¹⁸. Creso apenas não questiona a hipótese que irá concretizar-se: a derrota de Ciro em território inimigo. Revelando conhecer os costumes masságetas que se localizam longe dos hábitos e prazeres persas, onde a comida e a bebida inundam o espírito e são capazes de retirar o senso, Creso acha que ao enveredar pelo recurso a 'atitudes cobardes', sem apelo às verdadeiras forças constituintes de um exército, o resultado será manifestamente positivo para o lado persa. Assim aconselha Ciro a oferecer um banquete, no acampamento persa, pleno de iguarias sem conta acompanhadas de vinho puro (*οἶνος ἀκρητος*, I. 207)¹⁹, e a deixar no acampamento a parte mais débil do exército para que a vitória masságeta seja assegurada e os vencedores se percam entre os prazeres oferecidos aos seus olhares. É então que o exército persa realizará grandes feitos, num combate quicá cobarde e traiçoeiro, despido de valentia e glória, mas que talvez se filie na tradição estratégica antiga que valoriza o papel da artimanha (*μητις*) sobre a potência. Ouvidas as duas opiniões, Ciro decide abandonar a sua primeira ideia e aceita o conselho de Creso. Comunica a Tómiris a resolução tomada, que implicava o recuo dos Masságetas e o avanço dos Persas. Então a rainha faz como havia prometido. Ciro preocupa-se com a sua partida e a protecção a dar ao filho, confiando a Creso a sua guarda. Parece que Ciro pressente uma possibilidade de desastre: as cautelas quanto a Cambises revelam temor pelo futuro, cujo conhecimento o destino encerra. A presença de uma rainha, hábil nas suas propostas anteriores, dominadora, corajosa e audaz, era capaz de ameaçar a vida daquele que se tinha revelado até então inabalável por qualquer adversário (I. 208). É a proposta de Creso que o soberano transforma

¹⁸ Cf. Lattimore (1939: 27).

¹⁹ Partimos do princípio que Heródoto transporta a prática de costumes gregos para o plano da civilização persa.

na sua estratégia de combate (I. 211); deste modo é ao plano de Cresos, e não de Ciro, que Tómiris irá fazer oposição²⁰. O rei não contou com a desventura que um dia havia destronado Cresos, apenas aceitou aquilo que parecia ser a melhor opinião do seu 'sábio conselheiro'. Não reflectiu no que Cresos propunha, aceitou sem objectar e, obnubilado pela fúria de vencer, confiou o futuro ao pensamento de outrem. A cegueira trágica não permitiu a Ciro reflectir que se, um dia, Cresos foi abandonado pela sorte, mesmo precavendo-se e afastando-se de tudo aquilo que pudesse provocar a sua perda, como o homem que ponderava todas as resoluções a tomar, podia também vir a contribuir involuntariamente para o aniquilamento daquele que passara a ser o seu senhor. Os Persas vão seguir o destino dos Lídios, derrotados por uma raça mais primitiva e guerreira do que a sua²¹. Nenhum homem detém o poder de conhecer o futuro²². O aviso trágico de Cresos sobre a raça humana (I. 207) podia vir a concretizar-se precisamente naquele momento. Deste modo Ciro, conduzido por Cresos, vai ao encontro do seu destino. Avançou um dia a partir do Araxes e depois regressou ao ponto de partida com as tropas que reuniam melhores condições, deixando para trás as inúteis. Os Masságetas atacaram com um terço das suas forças o contingente persa deixado para trás e venceram-no facilmente. Após a vitória e vendo o banquete preparado, entregaram-se aos prazeres da civilização persa até estarem saciados e adormecerem²³. É aqui que os Persas massacram um grande número de Masságetas e fazem reféns, entre os quais Espargápis, filho da rainha Tómiris. Ao tomar conhecimento destes factos, a soberana enviou uma mensagem a Ciro, instando-o a libertar o filho,

²⁰ Cf. III. 36: Cambises acusa Cresos, quando este o aconselha a dominar a sua loucura de matar sem motivos, de ter contribuído para a derrota do pai pelos Masságetas com o seu conselho.

²¹ Flory (1987: 96).

²² A capacidade de antever o futuro é um tema importante e só se salienta de forma suficientemente enfática quando confrontado com as práticas da adivinhação (*μαντεία*). Os exemplos em Heródoto são recorrentes: I. 78-84; II. 49, 57, 82, 83; III. 49, 57; IV. 67-69, 172; V. 44-45; VI. 83, 96; VII. 6, 27, 96, 219, 221, 228; VIII. 96; IX. 4-5, 33, 37-38, 41, 92, 95. É muito interessante a passagem do *Górgias*, de Platão, onde se relata uma época em que supostamente existia o conhecimento prévio da hora da morte de cada homem (523d). O tema mântico é vasto pois que o seu contexto é uma das mais antigas preocupações humanas — o tempo.

²³ Segundo Rossellini e Saïd (1978: 968), Ciro repete contra os 'selvagens' o estratagema que Ulisses havia usado contra o Ciclope, na *Odisséia* (Canto IX), o que lhe permite vencer o adversário e salvar a própria vida.

vítima de um combate desonesto e da perfídia persa, o dolo do vinho, e a partir do seu território, sem qualquer punição, mesmo depois de um acidente tão humilhante. Para Tómiris, Ciro é um homem sedento do sacrifício de vidas humanas e como tal o único epíteto que se lhe ajusta é o de 'ávido de sangue' (*Ἀπληστε αἵματος; ἄπληστος αἵματος*, I. 212). Tómiris promete que, se ele não recuar, o saciará de sangue (fazendo-lhe lembrar a sua bebida preferida)! O filho de Tómiris desencadeia, em sua mãe, um espírito de vingança. Ciro não satisfaz o pedido de Tómiris. Por seu lado, Espargápises, depois de perceber a desgraça da situação em que caíra, suicida-se²⁴. A verdade é que a morte de Espargápises vai originar uma mudança total no rumo dos acontecimentos — a catástrofe anuncia-se: o fim de Ciro está iminente.

Tómiris reúne as suas tropas e prepara-se para a luta (I. 214). Para executora do destino, Heródoto apresenta-nos uma rainha. E pergunta-se: por que razão uma rainha e não qualquer outro dos poderosos reis de então? Será lícito perfilhar a opinião de diversos estudiosos segundo os quais em Heródoto a feminidade aparece marcadamente ligada ao poder?²⁵ Ao apresentar-nos uma rainha como autora da morte de Ciro — se não directa, pelo menos indirecta, através das suas forças militares — Heródoto poderá ter tido em mente o facto de a vida de Ciro haver sido salva por intervenção da mulher do pastor que o recebera, quando, em criança, foi exposto por ordem de seu avô Astíages. De qualquer modo, Tómiris é a medida da necessidade dramática herodotiana, isto é, uma personagem vencedora cujo valor e decisão ombreiam com a auréola do vencido — o grande conquistador da Ásia. O suicídio de Espargápises, fruto da vitória persa, vai originar uma nova batalha, mas desta vez diz Heródoto, confirmando também com o que ouvira dizer, que foi a mais sanguinária batalha travada entre bárbaros: bateram-se até não terem armas, até que os Masságetas venceram. Na chacina provocada no exército persa sucumbiu o próprio Ciro. A partir deste momento, Tómiris reage voluntária e vingativamente à perda do filho: sacia o cadáver de Ciro com sangue, tal como havia prometido fazer (I. 212). Este terrível acto não lhe traz qualquer benefício, uma vez que não a fará recuperar

²⁴ O suicídio de Espargápises representa um acto de coragem: porque sente que comenteu um grave erro ao deixar-se dominar pela 'corrupção' civilizacional de Ciro em oposição ao seu carácter selvagem, liberto de cobardia; sente igualmente que sua mãe se desgostará ao saber da fraqueza a que ele expôs o seu reino. Não querendo sentir a vergonha do seu acto iníquo redime-se pela morte.

²⁵ Como defende Tourraix (1976: 369-390).

a vida do filho. A mulher politicamente inteligente que conhecemos no início do episódio cede o lugar a uma mulher vingativa, mas não poderemos esquecer-nos de que a sua actuação macabra tem de ser inserida num mundo 'selvagem', em contraste com o mundo civilizado persa. Parece então que se confirma que os fins justificam os meios, pois, segundo a história de Heródoto, esta última vitória masságeta não levou à perda da soberania do Império Persa, e Ciro conseguiu, naquele momento, vencer o inimigo, tendo para tal recorrido a um estratagema doloso. Para alcançar a vitória, Ciro serviu-se do vinho, produto utilizado na alimentação dos Persas, transgredindo hábitos dos Masságetas, povo para quem o leite era a bebida usual (cf. I. 216). A ansiedade extrema de vencer, símbolo da sua vitalidade, conduziu-o à derradeira expiração²⁶. A esta provocação do soberano persa contrapõe-se Tómiris que infringe os hábitos persas, ao fazê-lo beber sangue²⁷. Heródoto apresenta desta forma a versão do fim de Ciro por lhe parecer ser esta a mais fidedigna.

A segurança de Tómiris contrapôs-se à fraqueza do seu opositor, aparentemente muito mais forte do que ela. A vontade cega do imperialismo persa não lhe permitiu entender a astúcia verbal da sua oponente²⁸. Após uma ascensão gloriosa, Ciro não escapará à morte e sobre o seu esplendor cairá a noite.

ARTEMÍSIA

É num ambiente de antevisão de guerra que observamos os primeiros passos geo-estratégicos do jovem monarca Xerxes, herdeiro do então imponente Império Persa, após a morte de seu pai Dario (cf. VII. 4). O soberano sente-se compelido a igualar-se aos seus antepassados²⁹, construtores do imenso Império. Ele tentará dilatar as fronteiras do território alargando os limites já existentes até alcançar os domínios do divino Zeus (cf. VII. 8). Conquistando território após território, fará de todos um único, após ter conseguido assenhorear-se de toda a Europa. E será sob o jugo da escravidão que os povos conquistados passarão a suportar o preço do expansionismo persa. Esta

²⁶ Segundo Immerwahr (1986: 166-167), o vinho, um dom vital, torna-se no instrumento da morte de Ciro.

²⁷ Esta interpretação é de Rossellini e Said (1978: 968-969).

²⁸ Evans (1991: 55).

²⁹ Cf. Evans (1991: 61); Immerwahr (1956: 274).

tentativa de dilatação do Império provocará um desaire vertiginoso para o futuro vital da soberania oriental aqueménida. Depois da reconquista do Egipto, Xerxes, instigado pela revolta iónica e pela derrota dos Persas em Maratona, concebe o desejo de vingar-se da injustiça causada pelos Helenos. Envolto pelo estigma divino de um sonho ³⁰, vê desaparecerem, pressionadas pela força da necessidade ³¹, as possíveis dúvidas que poderiam subsistir ainda no seu espírito. Porém, apesar de avisado por Artabano (VII. 10), um homem em quem impera a sensatez, Xerxes, agente histórico que se encontra sob o imperativo da execução em virtude do poder e da filosofia política que o precede e o segue, é impelido a objectivos pretensiosos. O aviso de Artabano não pôde alterar a adversidade do destino, pois também ele teve um sonho a que cedeu (cf. Amásis e Polícrates, III. 40-43). O vislumbre de sensatez de nada lhe serviu, pois, por mais que Xerxes se empenhe, não conseguirá impedir o prosseguimento da curva histórica. No seu percurso de monarca, Xerxes é conduzido a um castigo (*νέμεσις*) para o qual tinham contribuído os seus excessos ³² — a derrota de Salamina.

Dispondo-se convenientemente para marchar contra a Hélade, Xerxes faz acompanhar o seu intento de uma expedição que havia levado quatro anos a preparar e que se encontrava à altura de um

³⁰ Depois de ter desistido de atacar a Grécia, pois seu tio Artabano o havia chamado à razão para o perigo de lançar uma ponte sobre o Helesponto e a sua hipotética destruição por parte do inimigo pondo em causa o regresso das tropas ao continente asiático, Xerxes vê aparecer-lhe, em sonho, um homem que o aconselha a não desistir da campanha helénica. Em Heródoto, a existência de sonhos é profusa, e. g.: Cresos vê anunciada a morte de seu filho Átis (I. 34); Astiages vê-se destronado pelo filho que nascerá da sua filha Mandane (I. 107, 108); Ciro pela sua visão apercebe-se da ascensão do filho de Histaspes, Dario (I. 209); Cambises vê-se sucedido por Esmérdís (III. 30, 64, 65); a filha de Polícrates antevê a morte do pai (III. 124). Cf., para o papel dos sonhos na Antiguidade, Dodds (1988: cap. 4, *passim*).

³¹ Immerwahr (1954: 30-37).

³² Xerxes mandou construir uma ponte sobre o Helesponto (VII. 33), mas, após uma violenta tempestade, a obra já realizada foi totalmente destruída (VII. 34); então o rei encolerizado decidiu chicotear o mar e lançar-lhe um par de algemas. Mais tarde, quando Xerxes passa o Helesponto faz libações ao mar, mas Heródoto suspende o seu juízo pois tem dúvidas quanto ao motivo que originou a atitude do soberano persa, cf. VII. 54, trad. M. H. Rocha Pereira, (1990) *Hélade, Antologia da Cultura Grega*. 5.ª ed. Coimbra: Instituto de Estudos Clássicos, p. 223. Ésquilo alude ao caso da *ἄβρις* castigada de Xerxes, a propósito da ideia de lançar cadeias ao mar, em *Os Persas*, vv. 745-752, cf. trad. M. H. Rocha Pereira (1990: 187).

déspota oriental. Forças terrestres e navais constituíam o contingente real. Em plena caminhada guerreira em direcção ao território helénico, depois de descrita pormenorizadamente a constituição das forças aliadas, Heródoto reclama, dentro das forças navais, a honra de nomeação para uma figura real feminina (VII. 99). Conseguindo sobrepor-se em importância aos outros chefes militares, esta personagem, a quem Heródoto dedica uma especial atenção motivada pela sua presença numa empresa de tal envergadura, suscita uma profunda admiração (*μάλιστα θῶμα*) no historiador. Este sentimento existente no narrador das *Histórias* vai projectar-se quer nos seus companheiros de armas, quer nos Atenienses, quer ainda em Xerxes. A introdução sumária apresentada pelo historiador dá-nos desta figura feminina uma ideia sublime. O seu nome é desvendado logo de início: Artemísia³³. Contudo, logo após a apresentação, Heródoto relembra o seu nome, parecendo querer fazer da sua recordação uma presença constante no espírito dos ouvintes, num tão importante capítulo das suas *Histórias*³⁴. Impondo-se, não pelos habituais atributos femininos, em particular a beleza, ela surge-nos envergando as vestes do poder soberano (*ἔχουσα τὴν τυραννίδα*, VII. 99), assumido após a morte do marido, e revestindo-se, ao mesmo tempo, de um cariz maternal (*παιδὸς ὑπάρχοντος νεηρέω*, VII. 99)³⁵. Mãe, mas rainha, esta jovem figura feminina (supomo-la na juventude pois que o seu filho era ainda de tenra idade) sobreleva-se à massa humana das forças militares pela 'coragem e audácia viril' (*ὑπὸ λήματός τε καὶ ἀνδρητής*, VII. 99) e pela sensatez do conselho que a conduzem, por sua livre vontade (*οὐδεμιῆς οἱ ἐούσης ἀναγκαίης*, VII. 99), ao palco da guerra. Para os chefes bárbaros, que seguiam a expedição sem autonomia, como se de meros escravos se tratasse, ela é uma personagem de carácter anti-ético³⁶. A sua filiação e origem parecem revelar-nos um dos motivos justificativos que teria levado Heródoto a uma paragem na narrativa: Artemísia era originária de Halicarnasso. Daí que, em parte, os seus feitos possam ser sobrevalorizados pelo olhar orgulhoso de um seu conterrâneo³⁷. Porém, quando Heródoto se refere à população das

³³ No imaginário colectivo, este nome podia suscitar algumas semelhanças com a deusa Ártemis, nomeadamente nos seus dotes.

³⁴ Deve salientar-se, todavia, que esta personagem não era a única mulher na frota aliada de Xerxes (cf. VIII. 103).

³⁵ Cf. How-Wells (1967: 164).

³⁶ Munson (1988: 92-94).

³⁷ Creímos não ser demasiado ousado confirmar a inclinação patriótica que Heródoto revela com o episódio de Artemísia, aliás um sentimento de que os Gregos

idades sobre as quais esta rainha detinha o poder, ele confere-lhe uma origem dórica. Este aspecto de exclusividade étnica retira-lhe uma natural influência que pudesse existir, resultante da proximidade e, por consequência, do contacto com o espírito imperial persa. Assim, geograficamente no meio das forças em conflito ³⁸, ela é assaz conhecedora das capacidades de ambos os beligerantes. Deste modo, ainda que subordinada ao despotismo aqueménida, Artemísia aparece aqui como possuidora da característica agilidade mental e física gregas, conseguindo provocar uma particular estranheza nas duas partes em confronto. A sua inteligência é usada em prol da sua liberdade individual, inatingível por qualquer outro comandante militar. A prova da nossa afirmação está bem presente na sua actuação política e militar, no âmago do conflito. Contudo, as funções governativas de que está investida não lhe retiram o perfil feminino, veladamente delineado sob uma roupagem varonil, quando Heródoto referencia o carácter maternal de que ela era portadora ³⁹. Os meios fornecidos para o contingente naval resumiam-se a escassas cinco naus num conjunto imponente de mil duzentas e sete embarcações. Todavia, esta participação parecia valer-lhe uma elevadíssima reputação, *νέας εὐδοξοτάτας* (VII. 99), pois as naus dela não ficavam atrás das naus dos Sidónios, povo experimentado na arte de navegar (VII. 96). Quanto ao contributo político-(psicológico), mais exactamente como conselheira, foi ela quem granjeou a mais elevada estima junto do rei: *γνώμας ἀρίστης* (VII. 99). Desta forma, ela era distinguida como a primeira entre os aliados (VIII. 69). A excelência da sua dupla contribuição reveste-a de valor ímpar na história das batalhas Oriente/Ocidente narradas por Heródoto. Assim, na sua apresentação, apontam-se linearmente os vectores principais pelos quais se regerá a sua actuação. Após esta introdução poderíamos identificá-la como detentora de um ideal tipicamente grego ⁴⁰ — *ἀρετή*: Artemísia não só se evidencia no campo de batalha pela sua virilidade (VIII. 87-88), mas também pelo uso da persuasão junto de Xerxes (VIII. 67-69, 102-103). Deste modo, ao apro-

tinham noção mas que em certos autores não existe, e.g. Hesfodo, Arquíloco; a propósito deste assunto deve ler-se Pereira (1985: 212-219).

³⁸ Tal como a história de Cresos e do reino da Lídia foram dispostos no início das *Histórias*, por questões de ordem estrutural e temática, também o episódio de Artemísia representa a perspicácia e a lucidez que falta ao soberano aqueménida.

³⁹ Este aspecto vai ser reforçado quando Xerxes pede a Artemísia que acompanhe os filhos (VIII. 103).

⁴⁰ Cf. Pereira (1988: 122-123).

ximar-se o início do conflito naval, Xerxes age em conformidade com o propósito de testar os que o seguiam em tal empresa ⁴¹: o soberano pretendia saber qual era a opinião dos aliados-súbditos perante um combate naval iminente. Para isso encarrega Mardónio de auscultar e recolher as opiniões dos participantes na expedição. É forma de deliberação de tendência democrática que contrasta com as habituais soluções autocráticas do governo persa, ressaltando-se, todavia, que estamos perante um campo de actuação não estritamente político mas sobretudo militar. Heródoto introduz habilmente, nesta assembleia masculina, uma figura como Artemísia, que interpreta a voz da razão ⁴². Todos opinavam favoravelmente (voto que correspondia à própria preferência do rei de acordo com o νόμος de agressão) ⁴³ à excepção de Artemísia que ousava opor-se à opinião da maioria, pois ela sabia que o parecer manifestado por eles, embora potencialmente aceite, estava condicionado pelo receio. Artemísia, alegando a sua anterior conduta corajosa e nada desprestigiante (*οὔτε ἐλάχιστα*), revela ao rei aquela que considera ser a opinião mais justa, a que a ocasião impunha (VIII. 68) ⁴⁴, tendo em vista os melhores resultados para o soberano (*τὰ ἀριστα*, VIII. 68) ⁴⁵: Xerxes não devia submeter as suas naus a um combate naval, porque, e a sua justificação é feita metaforicamente, *οἱ γὰρ ἄνδρες τῶν σῶν ἀνδρῶν κρέσσονες τοσοῦτό εἰσι κατὰ θάλασσαν ὅσον ἄνδρες γυναικῶν*, ou seja, o elemento masculino da sua frota naval estava em total desvantagem face às forças navais inimigas ⁴⁶. Este apontamento revela um conhecimento intuitivo perfeito do perfil do inimigo (aliás ele só mais tarde vai ser reconhecido, cf. VIII. 101). Após esta sua opinião, contrária à de todos os outros, Artemísia atreve-se mesmo a questionar e a aconselhar o soberano, utilizando para tal a reflexão psicológica sobre a sua política expansionista e pondo em causa o limite do seu poder ⁴⁷. Ao mostrar um claro domínio estratégico da situação, defende a conveniência de um avanço terrestre sobre o Peloponeso em detrimento do confronto naval.

⁴¹ Cf. Masaracchia (1990: 189); Waters (1971: 78).

⁴² Cf. Evans (1991: 10).

⁴³ Munson (1988: 96).

⁴⁴ Cf. How-Wells (1967: 258).

⁴⁵ Cf. Waters (1966: 79).

⁴⁶ Cf. Masaracchia (1990: 190).

⁴⁷ Embora os conselhos de Artemísia tivessem sido considerados como pertinentes, eles não passam à prática; esta atitude contrasta vivamente com a posição de Temístocles, no lado adversário, que age em conformidade com o seu espírito grego de liberdade individual não encontrando apoiantes para a sua causa.

Nesta intervenção de Artemísia aliam-se duas categorias de conselhos: em primeiro lugar, dispomos da opinião-advertência de não combater, aviso claramente trágico e pressago (Artemísia parecia adivinhar o fracasso do empreendimento persa, cf. VIII. 68); em segundo lugar, o seu juízo posiciona-se no campo da estratégia política — Xerxes deve avançar com as forças terrestres⁴⁸. É pois no equilíbrio de um conselho que se impunha pela evidência de oportunidade, mas que foi recusado, que assenta a sua prática política, o que confirma o seu espírito inteligente imbuído de influência grega (o patriotismo e o individualismo utilitário). Por fim, apela cautelosamente para a ponderação do soberano no que respeita ao círculo humano que o rodeava (VIII. 68)⁴⁹, ou seja, ele não devia descuidar o perigo dos seus *κακοὶ δοῦλοι*. Assim, neste conselho convocado pelo rei, Artemísia emerge como «the voice warning against the policy of impetuous offensive»⁵⁰. Profundamente conhecedora da psicologia humana, ela obtém, da parte do monarca, com todas estas duras considerações, um grande apriço. Na verdade, quando foram expostas ao rei as *γνώμαι*, a de Artemísia foi muito apreciada, o que lhe valeu uma estima ainda maior do que aquela que anteriormente ele já nutria por si. Manifestados os pareceres, duas facções, dentro das forças aliadas, comentavam a posição de Artemísia: *εἴηοι* e *ἀγαιόμενοι τε καὶ φθονέοντες*, uns, temendo pela sua segurança; os outros, desejosos do seu insucesso junto do rei. Assim, amada e invejada, Artemísia vai-se aureolando de uma grandeza que escapará a cada um dos comandantes em chefe do séquito militar de Xerxes. Como participante no decurso dos acontecimentos, ela vê-se agora no centro da batalha e também no centro da atenção de Xerxes. A sua acção permitir-nos-á vislumbrar um estreito confronto entre a sua audácia feminina no palco da guerra e a inércia de um rei 'forte' pela componente humana que o acompanha. A força de Artemísia vem da sua grandeza interior, a de Xerxes depende dos contingentes militares que o sustentam. Depois do teste político, em que as suas ideias foram preteridas, Artemísia irá mostrar o valor guerreiro numa empresa em que se empenhou e conquistar, mais uma vez, um lugar de preponderância na narrativa herodotiana (VIII. 87-88). É a partir do confronto entre insucesso deliberativo/sucesso guerreiro que se obterá uma visão clara da sua forte personalidade e a sua extraor-

⁴⁸ Cf. Immerwahr (1986: 277-278); Lattimore (1939: 29).

⁴⁹ Cf. Kitto (1980: 191).

⁵⁰ Evans (1991: 68).

dinária actuação no meio de um combate desastroso que ela havia prognosticado. Todos aqueles que estavam incorporados na ala bárbara se empenharam com vigor, pois pareciam saber que o rei postado num lugar eminente observava o curso dos acontecimentos (cf. VIII. 69); no entanto, para a frota bárbara, o resultado da confrontação foi funesto. De entre os actos de bravura de ambas as partes, Heródoto destaca intencionalmente um importante episódio ocorrido com Artemísia, embora da sua acção ardilosa (*κακόν*, VIII. 88) tenha resultado a perda de uma das naus aliadas. A verdade é que a sorte (*εὐτυχίη*, VIII. 87; *ἐς εὐτυχίην*, VIII. 88) a contemplou, furtando qualquer vestígio de perversidade aos olhares dos que a observavam. Num momento em que reinava profunda desordem entre as forças reais, a nau de Artemísia vê-se perseguida por uma embarcação adversária. Sem qualquer possibilidade de romper o cerco, e encontrando-se diante de outras naus aliadas, sendo a sua o alvo do inimigo devido à proximidade, Artemísia abalroa a de Damasitimo, rei dos Calíndios, um aliado. Esta atitude proporcionou-lhe duas grandes vantagens: por um lado, vendo-a atacar uma nau bárbara, o comandante ático convenceu-se de que a de Artemísia era helénica ou havia desertado da frota bárbara, e então resolveu afastar-se e tomar outro rumo; por outro lado, Xerxes, perturbado com tal procedimento (feminino), questionou os acompanhantes para se certificar do que tinha presenciado e estes confirmaram-no, pois conheciam o emblema da embarcação de Artemísia: daqui se infere que tanto o rei como o seu séquito estavam plenamente convencidos de que o navio destruído era inimigo. Porém Heródoto acrescenta a estas duas vantagens uma outra visivelmente revestida do elemento fortuito: a sorte. Esta tornava irrevogáveis as anteriores demonstrações: é que ninguém se salvara da nau calíndia para poder contar a verdade. Assim a sorte, que nada é e que tudo é, contribui para a exaltação dos valores humanos. Heródoto apresenta ainda outros elementos justificativos da sua atitude, elementos esses que surgem envolvidos pela dúvida: não se pode confirmar se tinha havido algum desentendimento anterior entre Artemísia e Damasitimo quando estiveram juntos no Helesponto, ou se ela havia premeditado tudo aquilo, ou ainda se tal havia sido obra do acaso. Artemísia salva-se do perigo da batalha e do olhar dos homens, alcançando mesmo um elogio *μάλιστα* (VIII. 88). Um ‘mal’ que resulta num ‘bem’: ela pensou unicamente em si, na sua defesa, nem que daí adviesse a desventura total para Damasitimo. O fim atingido justificou os meios empregues. A sua opção de sucesso implicou a agressão a um

aliado⁵¹. Não podemos admitir que este aspecto contribua para denegrir a ἄρετή que anteriormente lhe atribuímos. A sua actuação não foi traição, conscientemente construída à luz da perfídia. Artemísia é antes vítima da urgente resolução militar que o momento apontava ao espírito da soberana de Halicarnasso. Ela conhecia o poder naval dos Atenenses (VIII. 68); temendo desta forma o fracasso da empresa, e pensando naturalmente preservar a sua vida, decide atacar um dos seus, salvando-se. O seu golpe habilidoso revela um grande sentido de oportunidade, mesmo de amoralidade. O seu estratagemma leva-nos a recordar Ulisses, em quem a artimanha faz parte da ἄρετή. Quanto ao estado de espírito de Artemísia, neste episódio, Heródoto nada nos diz, mas, conhecendo nós o seu empenhamento individual na guerra e o cariz maternal de que é revestida na sua apresentação (VII. 99), não acreditamos na possibilidade de uma falta de carácter e de uma crueldade natural do seu coração como motivos justificativos da ideia de traição. Após este facto confirmado pelos que estavam próximos e por esse mesmo facto iludido, Xerxes, provavelmente recordado das palavras conselheiras e vaticinadoras de Artemísia (cf. VIII. 68), afirma: *Οἱ μὲν ἄνδρες γέγονασί μοι γυναῖκες, αἱ δὲ γυναῖκες ἄνδρες* (VIII. 88)⁵². Artemísia patenteia a superioridade de uma mulher em relação aos homens. Depois de Salamina, Xerxes apercebe-se de que foi vítima do seu próprio erro — a solução autocrática cegou-o e não o deixou avaliar a vulnerabilidade dos seus numerosos homens no mar, como Artemísia havia predito. Xerxes reconhece que as opiniões da conselheira estão de acordo com as suas, mas recusa aceitá-las e age guiado pelo seu carácter despótico: ouve os outros mas não se sente obrigado a fazer o que lhe sugerem. Do lado grego, ficamos a saber que tinham sido dadas ordens para capturar Artemísia e que se oferecia mesmo um grande prémio (*μύρια δραχμαί*, VIII. 93) a quem a trouxesse viva. Os Atenenses supunham impossível a força viril numa mulher, mais habituada, normal e naturalmente, a um trabalho doméstico de fraco esforço físico e intelectual e incapaz de se lhes igualar no campo de batalha. Mas Artemísia consegue escapar-se aos hábeis marinheiros atenienses. Se Amínias de Palene se tivesse apercebido de que a nau era a da soberana de Halicarnasso, não teria cessado a perseguição. Entre os Atenenses, para quem o seu mundo

⁵¹ Evans (1991: 78); Munson (1988: 102), esta última considera a acção de Artemísia ousadamente inconveniente e impregnada de traição e agressão.

⁵² Clark (1989: 2); Flory (1987: 45); Immerwahr (1986: 187, n. 114).

simbolizava a normalidade e a civilização, longe da efeminada cultura bárbara, era grande a revolta por verem uma mulher a enfrentá-los: *γυναῖκα ἐπὶ τὰς Ἀθήνας στρατεύεσθαι* (VIII. 93): Artemisia prefigurava um ‘mundo às avessas’. Porém, o facto de a ferocidade e tendência para o excesso, traços caracteristicamente bárbaros de outras figuras reais femininas herodotianas⁵³, não terem sido distinguidas na sua personalidade condu-la a uma mais próxima identificação com o lado helénico, tanto mais que o seu talento conselheiro e militar⁵⁴ tinha sido orientado de forma justa e utilitária, atributos emblemáticos das livres instituições gregas. Terminado o combate naval e percebendo a extensão e o perigo da calamidade que sobreviera, Xerxes pensa fugir, supondo que podia ficar bloqueado na Europa com a eventual destruição das pontes do Helesponto. Por seu lado, Mardónio, temendo ser punido pelo rei pelo facto de o ter induzido a empreender a expedição contra a Hélade, tenta reconquistar o apoio do rei, com a proposta de prosseguimento da subjugação da Hélade, acção para a qual ele próprio se dispunha como comandante. Xerxes convoca os Persas para ponderar no argumento de Mardónio, mas manda também chamar Artemisia, porque o seu conselho, anterior ao início do combate, tinha encontrado, embora tardiamente, eco no espírito de Xerxes (VIII. 101). O rei sentia que as considerações da soberana de Halicarnasso defendiam a correcta conveniência dos seus interesses, revelando um claro uso da razão (*νοέουσα*). Quando ela chega à presença do monarca ele questiona-a, directamente (*Σύ; συμβούλευσον*), rejeitando a manifestação conselheira dos participantes chamados a comparecer (cf. *μεταστησόμενος*), pois pretendia saber qual a melhor decisão a tomar, quanto ao assunto que os faz reunir: Mardónio propunha-lhe a permanência em solo helénico e ao mesmo tempo o ataque ao Peloponeso, ou então o regresso de Xerxes à Ásia, ficando ele próprio como responsável, apoiado por um contingente militar, até escrivizar a Hélade⁵⁵. Ainda que tema que a sorte (*τυχεῖν*, VIII. 102) não esteja do seu lado a propósito das considerações tecidas (*εἴπασαν*, VIII. 102), Artemisia sugere que Xerxes abandone aquele local e tome as providências necessárias para voltar. Se Mardónio insiste em ficar e fazer o que prometia, acompanhado das forças terrestres pedidas,

⁵³ Cf. e.g.: a egípcia Nitócris (II. 100); Feretime (IV. 202, 205); Améstris (IX. 112).

⁵⁴ Cf. Munson (1988: 94).

⁵⁵ Mardónio faz uso da vanglória persa, contudo esta ser-lhe-á fatal.

então Xerxes devia deixá-lo prosseguir com o seu intento, pois, se ele conseguisse obter vitória sobre o que havia declarado, a conquista seria do rei, porque obra dos seus escravos; se, ao contrário, os acontecimentos não corressem de feição, o prejuízo não seria grande, uma vez que Xerxes estava em completa segurança; o rei deveria julgar a perda de um escravo como algo sem grande importância. É assim que Artemísia chama a atenção para o facto de os aliados de Xerxes ou serem meros executores do seu êxito ou vítimas da sua derrota ⁵⁶. Artemísia acrescenta ainda que depois de Salamina, se ele e a sua casa estiverem a salvo, os Helenos continuarão a lutar, mas entre si (VIII. 102). Deste modo, o conselho da soberana de Halicarnasso assenta sobre uma visão fria do problema e um carácter prático (prudente) e presago ⁵⁷. Xerxes aceita de bom grado o conselho de Artemísia, pois este coincidia com o que ele tinha intenção de fazer ⁵⁸; o seu temor era grande, ninguém teria conseguido fazê-lo mudar de ideias. Esta sua fraqueza ⁵⁹ contrasta radicalmente com o vigor de Artemísia mantido ao longo de toda a sua actuação. Sentindo-se protegido pela sapiência de Artemísia, Xerxes confia os filhos à sua guarda, ordenando-lhe que parta para Éfeso: *ἀγορᾶν αὐτοῦ τοῦς παῖδας εἰς Ἐφεσον* (VIII. 103). Agora, Artemísia assume de novo um papel de mãe; assim, apesar de ornada com qualidades mais próprias dos homens devido à sua actuação guerreira, conserva as virtudes inerentes à sua condição feminina.

O episódio de Artemísia aparece como o motivo da mulher que vai à guerra, tal como acontece, por exemplo, com as Amazonas ⁶⁰. A soberana de Halicarnasso conquista o apoio do responsável pelo

⁵⁶ Munson (1988: 95-96).

⁵⁷ Lattimore (1939: 30-31).

⁵⁸ Evans (1991: 62).

⁵⁹ A debilidade política de Xerxes pode ser realçada através de um episódio doméstico em que ele se deixa dominar pela crueldade desumana e destruidora de sua esposa Améstris. Esta, uma rainha ciumenta, consegue que o marido lhe dê poder sobre a mãe da sua concubina, Artainte, convencida de que a mãe era a responsável pela entrega, à filha, de um manto feito por si. É então que Améstris manda cortar os seios, as orelhas, os lábios e a língua da mãe de Artainte, atirando-os aos cães. É uma vingança terrível, tendo em conta que se tratava da mãe e não da concubina (IX. 109-112). Esta sua crueza já tinha tido um prenúncio num momento em que se sentira envelhecer: ao pretender propiciar o deus subterrâneo ela manda enterrar catorze rapazes (VII. 114). Existem casos paralelos de crueldade em Heródoto, e.g., Feretima (IV. 165-167; 200-202).

⁶⁰ Os Gregos apreciavam muito este tema que aparece frequentemente nas suas manifestações artísticas.

Império Persa a quem aconselha com inteligência e sem perder a sua individualidade.

A atitude que adoptou para escapar num momento crucial e difícil da batalha salva-lhe a vida; ao contrário, é no auge do poder dos reis persas que a morte se torna iminente. É pois a extraordinária superioridade de Artemísia que nos permite perceber uma inversão das grandes qualidades descritas no início da história dos soberanos da Pérsia.

Heródoto nas suas *Histórias* assume a herança viva de uma tradição profundamente marcada pela Épica e pela Tragédia que rasgava horizontes através da reflexão sobre a condição humana. As suas personagens são conduzidas às derradeiras experiências do mundo humano: a desventura e o sofrimento.

Não tratámos pois de questionar o nosso autor em relação à existência ou não de uma concepção feminina de poder, nem de defender teorias antigas de matriarcado.

Pretendemos, porém, constatar a grandiosidade do desempenho feminino, cujo carácter surge revestido de singular destreza e inteligência, no desenrolar dos acontecimentos históricos.

A personalidade feminina da soberana herodotiana revela segurança, capacidade de empreendimento e afirmação do seu posicionamento.

Heródoto acusa na sua obra um profundo conhecimento do espírito feminino. Sem ser 'feminista', no sentido actual do termo, sublima a actuação destas poderosas soberanas.

BIBLIOGRAFIA

EDIÇÕES CRÍTICAS, TRADUÇÕES, COMENTÁRIOS E LÉXICOS

- ASHERI, David (ed.) (1989). *Erodoto. Le Storie. Libro I.* 2^{nda} ed. Milano: Mondadori.
- HUDE, Carl (ed.) (1927). *Herodoti Historiae.* 3rd ed. 2 Vols. Oxford: Oxford University Press.
- LEGRAND, Ph.-E. (ed.) (1946). *Hérodote. Histoires. Tome I.* Paris: Société d'Édition «Les Belles-Lettres».
- MASARACCHIA, A. (ed.) (1990). *Erodoto. Le Storie. Libro VIII.* 2^{nda} ed. Milano: Mondadori.

- POWELL, J. Enoch (1966). *A Lexicon to Herodotus*. 2nd ed. Hildesheim and New York: Georg Olms. (1st ed., 1938).
- HOW, W. W. and WELLS, J. (1967). *A Commentary on Herodotus*. 2 Vols. Oxford: Oxford University Press.

ESTUDOS

- AVERY, Harry C. (1972). «Herodotus' Picture of Cyrus.» *American Journal of Philology*, 81, pp. 529-546.
- BALDWIN, B. (1964). «How Credulous was Herodotus?» *Greece & Rome*, 11, pp. 166-177.
- BLANCO, Walter and ROBERTS, Jennifer Tolbert (eds.) (1992). *Herodotus. The Histories*. New York: W. W. Norton.
- CIZEK, A. (1975). «From the Historical Truth to the Literary Convention: the Life of Cyrus the Great viewed by Herodotus, Ctesias and Xenophon.» *L'Antiquité Classique*, 44: 2, pp. 531-552.
- CHIASSON, Charles C. (1982). «Tragic Diction in Herodotus: Some Possibilities.» *Phoenix*, 36, pp. 156-161.
- CLARK, G. (1989). «Women in the Ancient World.» *Greece & Rome*, 2nd Ser., 21, 46 p.
- COHEN, D. (1989). «Seclusion, Separation, and the Status of Women in Classical Athens.» *Greece & Rome*, 36: 1, pp. 3-15.
- CULICAN, W. (1971). *Medos e Persas*. Trad. port. M. A. Horta Pereira. Lisboa: Verbo.
- DAVID, T. (1976). «La position de la femme en Asie Centrale.» *Dialogues d' Histoire Ancienne*, pp. 129-162.
- DODDS, E. R. (1973). *The Ancient Concept of Progress and Other Essays on Greek Literature and Belief*. Oxford: The Clarendon Press of Oxford University Press.
- DODDS, E. R. (1988). *Os Gregos e o Irracional*. Trad. L. S. Santos. Lisboa: Gradiva. (*The Greeks and the Irrational*. Berkeley: University of California Press, 1951).
- EVANS, J. A. S. (1991). *Herodotus, Explorer of the Past: Three Essays*. Princeton (N. J.): Princeton University Press.
- FERRILL, Arther (1978). «Herodotus on Tyranny.» *Historia*, 27, pp. 385-398.
- FERRILL, Arther (1992). «Herodotus and Strategy and Tactics of the Invasion of Xerxes.» In Walter Blanco and Jennifer Tolbert Roberts (eds.), *Herodotus. The Histories*. New York: W. W. Norton, pp. 390-393. [1st ed., *American Historical Review*, 72 (1966), pp. 104-108].
- FLACELIÈRE, R. (1962). «D'un certain féminisme grec.» *Révue des Études Anciennes*, 64, pp. 109-116.
- FLORY, Stewart (1978). «Laughter, Tears and Wisdom in Herodotus.» *American Journal of Philology*, 99, pp. 145-153.
- FLORY, Stewart (1980). «Who Read Herodotus' Histories?» *American Journal of Philology*, 101, pp. 12-28.
- FLORY, Stewart (1987). *The Archaic Smile of Herodotus*. Detroit (Mich.): Wayne State University Press.

- GOULD, J. P. (1980). «Law, Custom and Myth: Aspects of the Social Position of Women in Classical Athens.» *Journal of Hellenic Studies*, 100, pp. 38-59.
- GRAY, G. B. (1969). «The Rise of Cyrus.» In J. D. Bury, S. A. Cook, and F. E. Adcock (eds.), *The Cambridge Ancient History*, IV, *The Persian Empire and the West*. Cambridge: Cambridge University Press, pp. 2-6.
- IMMERWAHR, H. R. (1954). «Historical Action in Herodotus.» *Transactions of the American Philological Association*, 85, pp. 16-45.
- IMMERWAHR, H. R. (1956). «Aspects of Historical Causation in Herodotus.» *Transactions of the American Philological Association*, 87, pp. 241-280.
- IMMERWAHR, H. R. (1986). *Form and Thought in Herodotus*. Atlanta (Georg.): Scholars Press.
- KITTO, H. D. F. (1980). *Os Gregos*. 3.ª ed. Trad. port. J. M. Coutinho e Castro Coimbra: Arménio Amado Editor.
- KITTO, H. D. F. (1990). *A Tragédia Grega*. 3.ª ed. Trad. port. J. M. Coutinho e Castro. Coimbra: Arménio Amado Editor.
- LACEY, W. K. (1968). *The Family in Ancient Greece*. London: Thames and Hudson.
- LATTIMORE, R. (1939). «The Wise Adviser in Herodotus.» *Classical Philology*, 34, pp. 24-35.
- LASSERRE, F. (1976). «L'historiographie grecque à l'époque archaïque.» *Quaderni di Storia*, 4, pp. 113-142.
- LONG, T. (1987). *Repetition and Variation in the Short Stories of Herodotus*. Frankfurt am Main: Athenäum.
- MUNSON, Rosaria Vignolo (1988). «Artemisia in Herodotus.» *Classical Antiquity*, 7, 1, pp. 91-106.
- PEREIRA, M. H. Rocha (1985). «Sentido do Amor à Terra Pátria entre os Gregos.» *Nova Renascença*, V, pp. 212-219.
- PEREIRA, M. H. Rocha (1988). *Estudos de História da Cultura Clássica*. Vol. I. 6.ª ed. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.
- POWELL, J. Enoch (1939). *The History of Herodotus*. Cambridge: Cambridge University Press.
- ROMILLY, Jacqueline de (1971). «La vengeance comme explication historique dans l'oeuvre d'Hérodote.» *Révue des Études Grecques*, 84, pp. 314-337.
- ROSSELINI, Michèle et SAÏD, Suzanne (1978). «Usages de femmes et autres nomoi chez les sauvages d'Hérodote: essai de lecture structurale.» *Annali della Scuola Normale Superiore di Pisa*, 8, pp. 949-1005.
- SANCTIS, G. De (1936). «Il Logos di Creso e il Proemio della Storia Erodotea.» *Rivista di Filologia e di Istruzione Classica*, 14, pp. 1-14.
- SANTO, A. M. Espírito (1990). *Contributo para um Guia Bibliográfico de Heródoto*. Lisboa: Instituto Nacional de Investigação Científica.
- SCHEPENS, Guido (1975). «L'idéal de l'information complète chez les historiens grecs.» *Révue des Études Grecques*, 88, pp. 81-93.
- SERRA, José Pedro (1986). «Pedagogia e Exemplo na Historiografia Grega.» *Euphrosyne*, N. S., XIV, pp. 53-76.
- SEAFORD, Richard (1990). «The Imprisonment of Women in Greek Tragedy.» *Journal of Hellenic Studies*, 110, pp. 76-90.
- STAHL, Hans-Peter (1975). «Learning through Suffering? Croesus' Conversations in the History of Herodotus.» *Yale Classical Studies*, 24, pp. 1-36.
- TOURRAIX, A. (1976). «La femme et le pouvoir chez Hérodote.» *Dialogues d' Histoire Ancienne*, pp. 369-386.

- VERNANT, J. P. (1973). «Le mariage en Grèce Archaïque.» *La Parola del Passato*, pp. 51-74.
- WALCOT, P. (1984). «Greek Attitudes towards Women: the Mythological Evidence.» *Greece & Rome*, 31: 1, pp. 37-47.
- WALBANK, F. W. (1960). «History and Tragedy.» *Historia*, 9, pp. 216-234.
- WATERS, K. H. (1966). «Purpose of Dramatisation in Herodotos.» *Historia*, 15, pp. 157-171.
- WATERS, K. H. (1971). «Herodotos on Tyrants and Despots. A Study in Objectivity.» *Historia*, 15, pp. 1-100.
- WELLS, J. (1923). *Studies in Herodotus*. Oxford: Blackwell.
- YOUNG, T. C., Jr., (1988). «The Rise of the Persians to Imperial Power under Cyrus the Great.» In J. D. Bury, S. A. Cook, and F. E. Adcock (eds.), *The Cambridge Ancient History*, IV, *The Persian Empire and the West*. Cambridge: Cambridge University Press, pp. 24-46.